

Trabalhos Científicos

Título: Panorama Epidemiológico Do Traumatismo Cranioencefálico Em Adolescentes Brasileiros: 5 Anos De Análise, De 2020 A 2024.

Autores: RAFAEL GARBINO FREIRE DE ALBUQUERQUE FEIJÓ (ZARNS, NEPP), BARBARA SIMONE DAVID FERREIRA (UNIDOM, ZARNS, NEPP), PIETRO FRANÇA ALMEIDA DE CARVALHO (ZARNS, NEPP), BEATRIZ VIRGENS MARQUES (ZARNS, NEPP), JOÃO VÍTOR OLIVEIRA MACHADO (ZARNS, NEPP), IGOR MACEDO PINTO (UNIFACS, NEPP), GABRIELLE OLIVEIRA SILVA (UNIFACS, NEPP), MANUELLA PINTO DE ALMEIDA (UNIFACS, NEPP), AMANDA SOUZA BARBOSA (UFBA, ZARNS, NEPP), BRUNO DE BRITO GUIMARÃES (ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA)

Resumo: O traumatismo cranioencefálico (TCE), definido como qualquer lesão resultante de força externa sobre a cabeça que afeta estruturas cranianas e encefálicas, é uma das principais causas de morte e sequelas em pediatria. A maioria dos traumas fatais poderia apresentar desfecho distinto, se fosse abordada de forma adequada nos primeiros minutos após o acidente, principalmente quanto à assistência respiratória e hemodinâmica, à imobilização, ao transporte e à prevenção de suas complicações. Traçar o perfil epidemiológico do TCE em adolescentes brasileiros entre 2020 e 2024. Fez-se um estudo observacional, descritivo, transversal, quantitativo e ecológico, utilizando dados extraídos do Sistema de Informações Hospitalares do SUS (SIH/SUS), entre 2020 e 2024, sendo analisadas internações por TCE na adolescência, relacionadas a atendimento de urgência. As variáveis disponíveis foram: sexo, etnia, faixa etária (10-14 e 15-19 anos), região, e taxa de mortalidade. Não foi possível distinguir a causa do TCE, o grau de gravidade à admissão ou as complicações e sequelas. Os dados foram analisados em tabelas através de Google Sheets. Entre 2020 e 2024, foram notificados 537.548 casos de TCE hospitalizados, dos quais 8% ocorreram entre 10-19 anos. As hospitalizações do grupo foram mais frequentes em pardos, 55%. A maior incidência foi no Sul (S), 34,6, enquanto o Sudeste (SE) apresentou a menor taxa, 25. Em todas as regiões, a maior taxa de incidência é relativa ao sexo masculino, e o S lidera em ambos os sexos, 49,2 para masculino e 24,2 para feminino. O Centro-Oeste tem a menor taxa relativa entre os casos, que é no sexo feminino, 15,9. Com relação à taxa de mortalidade, foi maior em pretos, 6, estando pardos com 5,4. O Nordeste (NE) teve a maior taxa de mortalidade, 6,36, e o S, a menor, 3,65. Quanto à faixa etária, a maioria dos casos está entre 15-19 anos, com incidência 38,1, contra 18,2 entre 10-14 anos. Os resultados demonstram que a maior taxa de incidência de internações no S, onde houve a menor taxa de mortalidade, podem refletir tanto melhor registro de casos, quanto melhor atendimento, inclusive pré-hospitalar. Em contraste, a elevada taxa de mortalidade no NE sugere dificuldades estruturais, como menor oferta de serviços especializados em trauma, longas distâncias até unidades de referência e demora no atendimento. A alta prevalência do sexo masculino e da faixa de 15 a 19 anos pode estar associada a maior exposição a fatores de risco, como acidentes de trânsito, prática de esportes radicais e violência interpessoal, condutas mais frequentes nesse grupo. A desigualdade racial nos casos de TCE e seus desfechos, passa por questões relacionadas a autodeclaração de etnia e ao racismo estrutural. Os dados indicam a necessidade urgente de fortalecimento da rede de atenção ao trauma, especialmente em regiões com menor estrutura, além de políticas públicas focadas na prevenção de acidentes, promoção da equidade racial e educação em saúde voltada à juventude.